


# Vozes da diferença: oficina midiática de rádio e a Reforma Psiquiátrica brasileira

*Voices of difference: radio media workshop and the Brazilian Psychiatric Reform*

Yago Pereira de Freitas\* 

Liane Caroline Silva Matos de Souza\*\* 

Ariadne Fantasia de Jesus\*\*\* 

Thiago Colmenero Cunha\*\*\*\* 

## RESUMO

O Espaço da Diferença integra a programação da *web* rádio comunitária Revolução FM. É produzido coletivamente com usuários dos serviços públicos de saúde mental do Instituto Municipal Nise da Silveira (RJ), sob a coordenação do Centro de Convivência e Cultura Trilhos do Engenho. Discute-se, a partir dessa iniciativa, a relação entre a Reforma Psiquiátrica brasileira junto à arte e à cultura, os tensionamentos e as possibilidades do conceito de oficina terapêutica e os benefícios do trabalho com tecnologias midiáticas na potencialização da expressividade, autonomia e trocas sociais no contexto do sofrimento psíquico. Afirma-se o programa Espaço da Diferença como oficina midiática, um projeto consonante a uma diversidade de realizações coletivas em audiovisual que se relacionam à Reforma Psiquiátrica e ao papel do Centro de Convivência no desenvolvimento desses encontros.

**Palavras-Chave:** web rádio; centro de convivência; saúde mental; oficina terapêutica; Reforma Psiquiátrica.

## ABSTRACT

Espaço da Diferença is part of the programming of the community web radio Revolution FM, and is produced collectively with users of public mental health services at the Nise da Silveira Municipal Institute (RJ), under the coordination of the Trilhos do Engenho Coexistence and Cultural Center. Based on this initiative, the relationship between the Brazilian Psychiatric Reform and art and culture, the tensions and possibilities of the concept of therapeutic workshop, and the benefits of working with media technologies in enhancing expressiveness, autonomy, and social exchanges are discussed in the context of psychological suffering. The Espaço da Diferença program is a media workshop, a project in line with a diversity of collective audiovisual achievements that are related to Psychiatric Reform and the role of the Coexistence and Cultural Center in the development of these meetings.

**Keywords:** web radio; community center; mental health; Brazilian Psychiatric Reform.

## ARTIGO

<https://doi.org/10.12957/rep.2024.80328>

\* Universidade Santa Úrsula,  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
E-mail: yagopfreitas7@gmail.com.

\*\* Associação Maranhathá do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
E-mail: lianenave@gmail.com.

\*\*\* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-RJ),  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
E-mail: fantasia.ariadne@gmail.com.

\*\*\*\* Universidade Santa Úrsula,  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
E-mail: colmenerocunha@gmail.com.

Como citar: Autoria. Vozes da diferença: oficina midiática de rádio e a reforma psiquiátrica brasileira. Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea, Rio de Janeiro, v. 22, n. 54, pp. 155-167, jan/abr, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2024.80328>

Recebido em 25 de junho de 2021.  
Aprovado para publicação em 10 de setembro de 2021.



© 2024 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

## Introdução

O modo de lidar com a loucura intermediado pela arte, no Brasil, é proposto por Nise da Silveira, psiquiatra alagoana e precursora da terapia ocupacional (Câmara, 2002). Nise foi presa por contato com livros marxistas e ficou retida por 15 meses, no período de 1934-1936, no antigo presídio Frei Caneca (RJ). Lá ela encontrou grandes figuras da literatura brasileira, como Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz. Após a soltura, a psiquiatra viveu em semiclandestinidade em relação ao regime de Vargas, passando a se dedicar aos estudos. Voltou ao serviço público em 1944 e começou a atuar no Centro Psiquiátrico Pedro II (RJ), onde revolucionou o cuidado com a loucura através da terapia ocupacional ou, como mais tarde ela irá nomear, “emoção de lidar” (Silveira, 1998). A partir dos encontros dos pacientes psiquiátricos com a arte, em especial a pintura, Nise observa o potencial expressivo e artístico presente nos pacientes e suas imagens. As possibilidades de expressão, e mais tarde de ressocialização, proporcionadas pela arte são as principais motivações da psiquiatra a fim de apostar nesse outro modo de lidar com a loucura (Silveira, 2015). Esse hospital é conhecido atualmente como Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS), componente muito importante para o presente artigo.

A transformação, iniciada por Nise, é também precursora do movimento da Reforma Psiquiátrica brasileira, que surge no contexto de insatisfações populares de trabalhadores da saúde mental, de familiares e de usuários dos serviços com as condições de precariedade, maus tratos, violência e desumanização dentro dos grandes hospitais psiquiátricos. É, então, levantada a proposta de retomar o cuidado da loucura nas ruas da cidade, sem a necessidade de isolar e controlar o louco. Um dos marcos importantes da Reforma Psiquiátrica é a produção de um novo lugar para a loucura, que, antes passível de ser excluída socialmente, agora ganha espaço social e cultural (Amarante; Nunes, 2018).

Resultante disso, a Lei nº 10.216 de 2001, conhecida como Lei da Reforma Psiquiátrica, culmina para redirecionar o cuidado da loucura e versa sobre o direito das pessoas com transtornos mentais. Destacamos aqui a regulamentação das internações como última possibilidade de tratamento. Além disso, a lei veda a internação em instituições de caráter asilar, aquelas que não possuem recursos para a reabilitação do usuário e a sua reinserção social (Brasil, 2001). Desse modo, o conceito de território dentro do campo da saúde mental se insere com objetivo de possibilitar a reinserção social do sujeito em sofrimento psíquico dentro de sua comunidade, a partir de suas possibilidades e articulações, a fim de superar a lógica hospitalocêntrica de cuidado à saúde mental (Castro; Maxta, 2010).

Em outubro de 2015, o programa Espaço da Diferença se insere nesse contexto revolucionário de cuidados substitutivos ao realizar sua primeira transmissão (Centro de Convivência..., 2015). O Espaço da Diferença é um programa de *web* rádio, idealizado por um grupo que reuniu usuários dos serviços de saúde mental do Sistema Único de

Saúde (SUS) e uma equipe técnica mista em razão de criar um espaço de comunicação favorável ao fortalecimento da luta contra a segregação social e a discriminação, além de incentivar a expressão artístico-cultural e trazer visibilidade para os usuários e dispositivos de saúde mental (Siqueira *et al.*, [201-]).

Tal iniciativa é abraçada pela agenda de atividades regulares do Centro de Convivência e Cultura Trilhos do Engenho (CCCTE), que coordena as atividades coletivas de pesquisa, rodas de conversa, entrevistas, reuniões de pauta e, é claro, de produção do programa, transmitido ao vivo, semanalmente, no estúdio da Rádio Revolução FM<sup>1</sup>, a qual é um segmento do trabalho do Centro Comunitário do Instituto Municipal Nise da Silveira. A Revolução FM possui uma programação diversa (música, cultura, humor, ensino, saúde e variedades), em que o Espaço da Diferença se insere como uma parceria entre a rádio e o Trilhos do Engenho, gerida pelo encontro entre seus agentes criadores (técnicos da saúde mental, estagiários, usuários dos serviços e parceiros). As atividades são abertas ao público, embora, majoritariamente, acolham a demanda dos usuários referenciados em dispositivos de saúde e cultura situados no próprio IMNS ou nas suas proximidades.

O programa possui duração de uma hora e se divide estruturalmente nos quadros: “Informes”, “Você pode!”, “Dialogando” e “Boca livre”. No quadro “Informes” são anunciadas notícias, datas de atividades dos serviços de saúde e cultura do território, pautas referentes à luta antimanicomial, resenhas sobre atualidades, comentários esportivos, resumos de novelas e celebração de datas comemorativas. No “Você pode!” se realizam entrevistas, informações e debates mais aprofundados sobre saúde, cultura, direitos e cidadania. Já o “Dialogando” abarca a pauta principal (tema) que é escolhido previamente pelos participantes e discutido ao vivo no programa. O “Boca livre” dá vazão a toda manifestação artística, humorística ou fala espontânea que se tenha o desejo de anunciar.

Projetos como esse são vitais para a construção de espaços favoráveis à produção de autonomia, acolhimento e sociabilidades. São atores que modificam o imaginário social em relação à loucura ao inseri-la na cidade, de forma a confrontar o preconceito e a rejeição com novas vias de reciprocidade e solidariedade (Amarante, 2013). A dimensão sociocultural é de suma importância para a Reforma Psiquiátrica brasileira, desse modo, o desmonte das políticas públicas e a diminuição dos investimentos nessa área, assim como o aumento dos investimentos nas comunidades terapêuticas, retomam a lógica do cuidado centrada na doença e no isolamento, tão combatida pela Reforma Psiquiátrica (Pereira;

---

1 Segundo Fortuna (2013), a Revolução FM foi criada em 1995, sendo uma idealização coletiva, com destaque para o projeto do médico Annibal Coelho Amorim e da jornalista Taís Ladeira, integrando o centro comunitário como uma direção antimanicomial no IMNS. Ela passa por momentos de circulação interna, transmissão em baixa frequência e atualmente é exibida via *web* a partir do *link*: <http://radiorevolucao.fm.br/>.

Passos, 2017). O programa, então, se torna um ponto de resistência perante os retrocessos do governo, uma vez que se volta à produção de autonomia e contato com a cidade.

A relação do Espaço da Diferença com a modalidade da oficina terapêutica, no contexto do encontro entre a Reforma Psiquiátrica brasileira e as intervenções artístico-culturais, despertou análises que foram trabalhadas através de uma experiência como observador-pesquisador e participante ativo de sua produção (compreendendo todas as atividades formadoras do programa, incluindo sua transmissão em estúdio), e, posteriormente, a partir de discussões coletivas embasadas em pesquisa documental e revisão bibliográfica; dessas surgiram as reflexões constatadas no presente artigo. O programa é analisado em dois recortes de sua duração cronológica: o primeiro recorte se refere ao período de outubro de 2015 a agosto de 2017 e é estudado por meio de registros documentais de suas atividades produzidos por técnicos e usuários; já o segundo recorte compreende o período de maio a dezembro de 2019, no qual se deram as vivências com o programa.

## **Programa Espaço da Diferença e Oficina Midiática de Rádio: uma aposta na expressividade e na socialização**

O Espaço da Diferença não foi originalmente pensado como uma oficina terapêutica. A proposta da equipe inicial era um trabalho orientado por ideais sociopolíticos e artístico-culturais que apontassem para a equidade, desenvolvimento, sustentabilidade e apoio a minorias sociais, funcionando, portanto, como parceiro e divulgador da saúde mental e da vivacidade de movimentos que se dão no IMNS (Siqueira *et al.*, [2014 ou 215]). Nesse contexto, é possível traçar hipóteses sobre a evitação de significações que pudessem apontar para um modelo de atenção assistencialista ou puramente terapêutico. Um movimento similar é descrito sobre a construção da Rádio Revolução FM, trazido por Fortuna (2013) ao entrevistar Annibal Amorim (idealizador da Revolução FM):

Vale ressaltar, que segundo Annibal Amorim, a rádio não foi concebida inicialmente para tratar, não era uma oficina terapêutica, embora aquilo acabasse desencadeando um significado terapêutico para as pessoas, ‘a rádio não foi concebida como mais um nicho, mais um espaço para tratar as pessoas, era um espaço onde o afeto, a música que rolava acabava desencadeando no indivíduo em uma vinculação afetiva, mas não foi concebida como um setting terapêutico’. (Fortuna, 2013, p. 103).

Há de se pensar em tantos espaços de luta, de troca, de afeto que produzem cuidado e potencializam os modos singulares de os sujeitos se relacionarem. Amarante e Torre (2017) dizem sobre um processo de independência das intervenções artístico-culturais que, no processo da Reforma Psiquiátrica brasileira, têm sua origem nos serviços e insti-

tuições da saúde mental, mas se distanciam desses dispositivos para ganhar outros espaços, afirmando a reforma como movimento social capaz de gerar mobilização e organização de coletivos, os quais dão continuidade e reprodução à sua visão crítica.

A construção desses espaços de contestação do lugar social da loucura e do discurso biomédico sobre a doença mental são objetivos principais para Reforma Psiquiátrica e a direcionam para além da reforma técnica dos serviços de assistência (Amarante; Torre, 2017). É necessário, contudo, trazer um olhar para esses serviços que abraçam as intervenções em arte e cultura e entender os princípios que sustentam a germinação dessas iniciativas. A começar pelo esclarecimento acerca do viés sociopolítico da oficina terapêutica, em cuja descrição pela Portaria nº 189 de 1991 do Ministério da Saúde se destacam: os princípios da expressividade, socialização e inserção social; a prática grupal e coletiva voltada para as artes e ofícios; e o caráter extra-hospitalar (Brasil, 1994).

Pesquisas, em diferentes campos, apontam para processos de trabalho similares às atividades desenvolvidas em torno do programa Espaço da Diferença (reuniões de pauta, pesquisas, seleção de temas e notícias, elaboração de matérias, contato tecnológico com a rádio, uso de arte como catalisadora). Essas experiências também convergem em resultados benéficos na socialização, comunicação, autoestima e desafios, como o de investir em autonomia, combater os preconceitos, gerir desejos e conflitos e lidar com a falta de investimento dos setores públicos. É possível citar alguns representantes, como Streppel e Palombini (2011) na psicologia social, De Faria e Santana (2014) na comunicação social, Schuhardt e Souza (2015) no Serviço Social e Ribeiro, Tomassi e Passo (2016) na terapia ocupacional. A partir do contato com essa diversidade de trabalhos, foi possível identificar que a nomenclatura de oficina de rádio não é uma concepção limitante, e sim um movimento amplo e libertador, o qual será tratado com mais profundidade a seguir.

Há uma ampla utilização de oficinas de rádio como articulação terapêutica psicossocial no cuidado de usuários da saúde mental. No Brasil, essa prática reúne 16 experiências de rádio e *web* rádio difundidas em diferentes estados – embora seja notável a concentração no eixo Sul-Sudeste. Os espaços comunitários e comerciais de rádio, associados ao serviço público de saúde mental, têm sua criação datada desde 1989 (A Rádio Tam Tam, de Santos – SP) até a primeira década dos anos 2000. Logo, conferem um movimento em direção a novas práticas substitutivas da atenção em saúde mental, as quais possuem orientações em estratégias antimanicomiais, de inclusão cidadã e valorização de subjetividades marcadas pela diferença (Fortuna; Oliveira, 2013).

O termo Oficina Midiática é capaz de definir a produção de programas de rádio ou *web* rádio, em geral, nos Centros de Atenção Psicossocial (Caps), e engloba toda atividade regular associada a dispositivos de saúde que faz uso de ferramentas de mídia (foto, vídeo, jornal, rádio e outros veículos) para explorar as potencialidades do desejo, vínculo e expressão com usuários da saúde mental. Todavia, o essencial de uma oficina terapêutica não

está exatamente na gama de atividades mobilizadas, mas em seus princípios norteadores quanto à produção do cuidado. Nas oficinas midiáticas, em razão do campo da comunicação comunitária, a expressividade ocupa esse papel norteador do processo – entendendo-se expressividade como o exercício de ver o mundo e de se ver nele, de uma forma que convide a novas possibilidades de se construir novas identidades para si e para os outros. A orientação do trabalho, portanto, se acomoda em criar um lugar de percepção do mundo e tradução desses afetos a partir da comunicação com a própria voz (Fortuna, 2013).

Para Rauter (2000), as oficinas terapêuticas funcionam como mobilizadoras da inserção na coletividade frente ao isolamento, e tal abertura de vivência se dá a partir da arte e do trabalho. O efeito do individualismo e do capitalismo nas subjetividades contemporâneas (atravessadas ou não por diagnósticos psiquiátricos) leva a questionar sobre a forma mecanizada e segregada de estar no mundo, tão presente no cotidiano e nas instituições. Em uma outra direção, a arte e o trabalho são possibilidades para produção de desejo e socialização que têm potencial de abrir um novo direcionamento de existência no qual o sujeito se habilita a protagonizar relações, encontrar e endereçar seus desejos e criar afetos. O termo vetores de existencialização é usado pela autora para caracterizar o papel da arte e do trabalho no cuidado com a saúde mental nas oficinas terapêuticas. Essa aposta de trabalho permite a circunscrição de um novo campo de existência para os sujeitos:

Quando se deseja, por meio da arte ou do trabalho, produzir territórios existenciais (inserir ou reinserir socialmente os ‘usuários’, torná-los cidadãos...) cresça que está se falando (a meu ver, dever-se-ia falar) não de adaptação à ordem estabelecida, mas de fazer com que trabalho e arte se reconectem com o primado da criação, ou com o desejo ou com o plano de produção da vida. Pois que o plano da produção desejante é também o plano de engendramento do ‘mundo humano’. (Rauter, 2000, p. 271).

Nesse ponto, é possível estabelecer uma interseção entre a expressividade de Fortuna (2013) e os vetores de existencialidade de Rauter (2000), no que tange às características singulares do território existencial criado por uma oficina midiática. No Espaço da Diferença, por exemplo, a escolha dos temas a serem apresentados pelos usuários cria diálogos amplos com tudo que faz parte da experiência desses sujeitos: o cotidiano, as memórias, as relações interpessoais, o preconceito, a política, as notícias do momento, a luta antimanicomial. Cada participante que se dispõe a falar sobre esses temas possui sua voz maximizada pelo microfone da rádio e aceita o convite para explicar ideias, percepções, queixas, paixões.

Ocupar um lugar como esse produz no usuário um engajamento que o faz livremente frequentar a oficina semana após semana, mesmo que isso não lhe seja solicitado. O que é produzido na rádio passa estritamente pela tônica do desejo dos usuários, os quais, contornados pela estrutura da oficina e pela mediação da equipe, empregam a força

motriz para a exibição do programa acontecer. Assim, o sujeito em sofrimento psíquico é convidado a contestar o papel que lhe confere a lógica manicomial, e pode ocupar, em seu lugar, o papel de comunicador em mídia radialística. Yassui (2010) fala sobre o lugar da oficina terapêutica na desconstrução do lugar de doente mental:

Este contato vivo com este universo de dramas da existência humana questiona radicalmente a doença mental como categoria central do modelo psiquiátrico hegemônico e provoca os estagiários a refletir criticamente sobre os recursos teóricos e técnicos que possuem, levando-os a buscar novas possibilidades, a inventar novos recursos. Procuramos estimulá-los a pensar as atividades em uma lógica de produção de cuidado que se oriente pelos problemas e pelas necessidades dos usuários, buscando acolher seu sofrimento, estabelecer estratégias que possam aumentar seu poder contratual, potencializar sua autonomia, melhorar a sua qualidade de vida. (Yassui, 2010, p. 175).

A produção de desejo na oficina é uma aposta política, pois o desejo é capaz de atingir a esfera revolucionária da produção de mundo e de um futuro guiado por esse desejo. Quando o desejo do usuário é tomado pelo trabalho na oficina, potencializa sua voz e produz um espaço possível para esse endereçamento. Consecutivamente, é dado um primeiro passo para que essa fruição extrapole os ambientes “controlados” do serviço em saúde mental (Rauter, 2000).

A oficina terapêutica é uma modalidade privilegiada em meio à diversidade terapêutica dos serviços substitutivos criados a partir da Reforma Psiquiátrica brasileira. Seus eixos são a reabilitação social e o acesso à cidadania, denotando relações com o campo sociopolítico e a não restrição ao discurso dos saberes da psicologia e psiquiatria. Porém, é possível o risco de se cair novamente numa lógica manicomial, caso não haja um enfrentamento às cristalizações. Essas fazem, por exemplo, a atividade ser reduzida a um dispositivo de ocupação de tempo ocioso (acenando para ideia de que a ocupação por si reduz o sofrimento) ou fazem as relações entre os agentes (usuários dos serviços, técnicos de saúde e parceiros) serem hierarquizadas e, consecutivamente, reforçadoras de valores sociais legitimados, direcionando a uma remissão dos sintomas através de um processo de adequação dos modos de ser e agir vistos fora do padrão do normal vigente (Cedraz, 2005).

De Faria e Santana (2014) trazem exemplos de como é necessária a reflexão crítica, por parte da equipe técnica, quanto a discursos dominantes que se apresentam mesmo nos espaços dos serviços substitutivos e se impõem como obstáculos para a produção de uma atenção horizontal:

No caso da construção da Rádio Piraí, estavam presentes as memórias da psiquiatria, da psicologia, do jornalismo, da comunicação, do histórico de exclusão social da loucura, de internamentos e da Reforma Psiquiátrica, resultante, essa última, da voz e da luta de sujeitos diversos. Em outras palavras, o discurso predominante é tão institucionalizado que os usuários usam termos como

‘CAPS’, ‘luta antimanicomial’, ‘tratamento’, ‘cura’, ‘recuperação’ e ‘entrar em crise’ de modo a não perceberem que estão recorrendo à linguagem própria do especialista ou de uma política pública na saúde mental. (De Faria; Santana, 2014, p. 14).

A oficina de rádio é um espaço potencial para se valorizar a voz transpassada pelo lugar da loucura e silenciada através de séculos de marginalização social. É necessário um processo de “contracomunicação” no que se refere à contestação da hegemonia da interação comunicativa em favor de acolher o discurso do usuário da maneira como ele aparece. Para além disso, é preciso garantir um espaço no qual o louco possa falar de sua loucura e essa fala não ser acolhida por um saber técnico, mas pelo aumento do volume de voz e pela discussão horizontal – ou o mais horizontal que se possa conseguir – descontraída pelo caráter lúdico da rádio (De Faria; Santana, 2014).

Pensar uma mediação entre os diferentes discursos, pontos de vista e lugares de fala faz parte da prática de produzir um espaço de comunicação que sempre permaneça receptivo às falas que se distanciam das mídias hegemônicas. No caso da oficina de rádio, essa questão possui uma centralidade na preocupação de que a atuação mais direta dos profissionais, ou ainda dos estudantes estagiários, possa retomar uma concepção hierárquica de informação e discurso, despotencializando a fala dos usuários numa lógica que retoma a marginalização histórica. Todavia, essa preocupação pode acentuar a distância entre os saberes técnicos e os saberes da vivência:

Muito da ‘tradição’ nas rádios em saúde mental diz de uma insistência na importância de o programa ser produzido inteiramente pelas pessoas em situação de sofrimento psíquico, ou com história de tratamento psiquiátrico. O estranhamento que isso provoca faz sentir que, quanto mais se preze pela não contaminação dos profissionais e estudantes no programa, mais se dualizam os sujeitos e se mantém a dicotomia responsável pela discriminação dos ‘diferentes’. (Streppel; Palombini, 2011, p. 506).

A aposta do Espaço da Diferença está na possibilidade de o usuário conviver com outros discursos, sem que se torne menos autêntico e espontâneo. O risco de que o saber técnico se imponha é sempre um fator relevante, o que exige manter uma visão crítica que faça resistência em favor da horizontalidade, numa perspectiva de troca, de coletividade e de acolhimento à diferença. É preciso apostar na potência dos encontros, no prazer e no crescimento advindos dessas relações. Essa via de afeto é capaz de estabelecer um campo para que se inscrevam os objetivos sociopolíticos da oficina midiática de rádio, como observam Schuhardt e Souza (2015, p. 142):

É possível perceber a transformação dos usuários com relação à melhora da comunicação, o sentimento de participação de uma rádio e de pertencimento.



Um dos relatos é de um locutor que diz ter ‘muito prazer em participar da rádio, porque podemos entrevistar várias pessoas de vários segmentos da sociedade’. Outro locutor afirma ser ‘muito gostoso estar na rádio, porque temos a oportunidade de debater novos assuntos da comunidade toda semana’.

A abertura para a horizontalidade do Espaço da Diferença pode ser identificada na análise das transformações dos temas escolhidos para o quadro “Dialogando”. No primeiro trimestre do programa em 2015, as temáticas escolhidas se calcam mais nos assuntos da saúde mental, por exemplo: “evolução do tratamento psiquiátrico”, “medo na psiquiatria”, “o estigma de ser usuário de saúde mental”, “arte e saúde mental”. Já no início de 2016, começa um movimento de equilíbrio entre temas de saúde mental, sociopolíticos e aqueles voltados para afetividade, memória e experiências pessoais. Os usuários extrapolam a conversa sobre os serviços que atendem o seu sofrimento psíquico e demonstram interesse em temas como: “carnaval”, “prevenção contra DSTs”, “legalização da maconha”, “violência contra a mulher”, “homofobia”, “socialismo”, “eleições municipais”, “solidão”, “relações familiares”, “*bullying*”. Entende-se que foram dadas as condições para ampliar os horizontes da comunicação – movimento esse que não se dá a partir de uma demanda técnica, visto que os temas são criados coletivamente e selecionados via votação (Centro de Convivência..., 2015).

## Centro de Convivência e Cultura Trilhos do Engenho: pistas para um cuidado territorial

O CCCTE é um dispositivo da Rede de Atenção Psicossocial (Raps). Ele se constrói no espaço do Instituto Municipal Nise da Silveira, no bairro do Engenho de Dentro, Zona Norte do Rio de Janeiro. O instituto em questão há alguns anos passa por um processo de desconstrução do dispositivo psiquiátrico, e a partir de 2011 recebe o centro de convivência como um articulador com o território, investindo na reinserção social, autonomia e exercício pleno da cidadania através das direções da cultura e da convivência. Atualmente, o Trilhos do Engenho oferece atividades internas e externas de forma regular e possui uma agenda de passeios pela cidade renovada a cada mês, num trabalho em conjunto com os participantes.

A interação entre o Trilhos do Engenho e a Rádio Revolução FM dá um contexto privilegiado à construção do programa, pois as direções de trabalho do primeiro são compatíveis e capazes de sustentar os objetivos do programa da rádio, somando a proposta de transformação e conexão. Esses dois espaços aumentam o raio de circulação e interações sociais dos usuários que, geralmente, saem dos Caps para ir ao centro de convivência (outro espaço, outra equipe, outros colegas, outras atividades) e, posteriormente, ao estúdio de rádio no centro comunitário, ou ainda para transitar pelo cenário urbano através de atividades externas. Há um enriquecimento da experiência desse sujeito que transita por mais lugares, convive com mais pessoas e possui mais opções de atividades disponíveis ao seu desejo.

O fato de o Trilhos do Engenho ser um dispositivo em constante diálogo com o território produz novas experimentações de lugares e discursos. A ampliação dos espaços da rádio para além dos espaços assistenciais ajuda a enriquecer o horizonte das produções que se formam a cada exibição do programa. Ajuda também nas relações com o grupo, como comenta Fortuna (2013), analisando uma experiência de rádio e saúde mental: “[...] o Potência Mental tem existência fora do contexto institucional dos serviços de saúde mental de onde provêm os usuários que dele participam, o que possibilita maior fluidez e horizontalidade nas relações entre os integrantes do grupo” (Palombini; Cabral; Belloc, 2008 *apud* Fortuna, 2013, p. 76).

De Faria e Santana (2014) enxergam que a proposta dos centros de convivência pode oferecer uma base para o desenvolvimento das atividades de oficina de rádio:

No mesmo lugar, funcionam um centro de convivência, dispositivo da atual configuração da Rede de Saúde Mental, e uma associação de usuários e seus familiares. O local foi escolhido por apresentar o perfil de valorização da convivência, da inclusão social e do lúdico. Pelo próprio fato de ser um centro de convivência, dispositivo da Rede que preza pelo perfil acima, considerou-se que o projeto teria maior possibilidade de aceitação nesse lugar. (De Faria; Santana, 2014, p. 2).

Além do caso do Espaço da Diferença, foram encontradas duas experiências associando os centros de convivência a oficinas de rádio: A Rádio Piraí, que dialoga com o Centro de Convivência de Juiz de Fora (De Faria; Santana, 2014) e o Centro de Convivência de Belo Horizonte, que constrói uma oficina junto à Rádio UFMG Educativa (Ribeiro; Tomassi; Passos, 2016). As três experiências apontam os centros de convivência como parceiros potentes para a construção de tal oficina. Para Ribeiro, Tomassi e Passos (2006), o centro de convivência já insere um contexto próprio de criatividade, flexibilidade, protagonismo e solidariedade – fatores que propulsionam uma oficina de rádio.

Marcolino (2007), apoiada em Santos (2006), define o espaço de trocas sociais ao sugerir a existência de um sistema complexo de objetos, atores e ações que somam aos valores sociais e se constituem através de trocas simbólicas. Um espaço vivo, em movimento, indissociável de estatutos sociais e, portanto, de suas transformações e conservas, o que dialoga com a ideia de espaço existencial no segmento do vetor existencialidade de Rauter (2000). Esse espaço fluido, dotado de sentidos, permite ao sujeito se atentar para si, para o outro e para o mundo num sentido de constante produção. Marcolino (2007) se apoia em Sá (1973) para entender a comunicação que é a relação de interação na qual se direciona um esforço em convergir perspectivas, trocar informações, pôr-se a público. Esse direcionamento aos estatutos sociais, no esforço cooperativo de entender e ser entendido, mobiliza regras e convenções que podem isolar o diferente (estranho). Por outro lado, abre a possibilidade de negociações sociais e novas produções comunicativas. Nes-

se ponto, adquire-se uma nova percepção de espaço: o espaço da comunicação no qual se abrigam as trocas de experiências sociais significativas.

Pensar as descrições dos campos espaciais e comunicacionais que compõem o fenômeno de uma oficina de rádio é entender que o espaço do qual tratamos, para além da qualidade geográfica, é caracterizado pelas atividades, afetos, encontros e potencialidades que nele se desenvolvem – sobrepõem-se ainda um espaço de tempo com qualidades de duração, frequência e memória e um espaço simbólico dotado de uma miríade de significados produzidos nos contextos antes apontados (Marcolino, 2007). O programa Espaço da Diferença produz um campo, formando um espaço social e um espaço de comunicação, do qual continuam a surgir articulações de desejo, de afeto e de pensamento crítico.

## Conclusão

A análise presente se dedica à descrição e compreensão do programa Espaço da Diferença em alguns de seus atravessamentos. Direciona a refletir sobre a possibilidade de classificar o programa como uma oficina terapêutica e investiga os desdobramentos causados pela interação com o Centro de Convivência e Cultura Trilhos do Engenho. São levantados dados que desenharam um retrato das potencialidades e desafios desse esforço coletivo, o qual representa uma resistência diante do contexto sociopolítico de desmonte da saúde pública.

Aponta-se que a práxis do Espaço da Diferença remete a uma oficina midiática, uma vez que: é pautado na expressividade de seus participantes, possibilitando processos de subjetivação através da troca de experiências sociais significativas; confere um espaço vivo e em movimento no qual os sujeitos estão livres para se implicar nas relações em curso e se conectar com a vida e o social; produz desejo, autonomia, socialização, autoestima, lazer e cidadania sob a orientação de um eixo de técnicas radialistas. Portanto, é afirmativo que o trabalho no Espaço da Diferença, de usuários da saúde mental, da equipe do CCCTE e de seus parceiros constrói um novo espaço existencial.

**Contribuições dos/as autores/as:** Todos os autores participaram da concepção, elaboração e revisão do artigo.

**Agradecimentos:** Não se aplica.

**Agência financiadora:** Não se aplica.

**Aprovação por Comitê de Ética:** Não se aplica.

**Conflito de interesses:** Não se aplica.

## Referências

- AMARANTE, P. *Saúde mental e atenção psicossocial*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.
- AMARANTE, P.; NUNES, M. O. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. *Ciência Saúde Coletiva [online]*, v. 23, n. 6, 2018.
- AMARANTE, P.; TORRE, E. H. G. Loucura e diversidade cultural: inovação e ruptura nas experiências de arte e cultura da Reforma Psiquiátrica e do campo da saúde mental no Brasil. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação [online]*, v. 21, n. 63, 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 189 de 19 de novembro de 1991. Aprova a inclusão de grupos e procedimentos da Tabela do SIH-SUS, na área de saúde mental (hospitais psiquiátricos). *Diário Oficial da União*, 30 jan. 1994.
- BRASIL. Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001. *Diário Oficial*, 2001.
- CÂMARA, F. Vida e obra de Nise da Silveira. *História da Psiquiatria Online*, v. 7, n. 9, set. 2002.
- CASTRO, L.; MAXTA, B. Práticas territoriais de cuidado em saúde mental: experiências de um centro de atenção psicossocial no Rio de Janeiro. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, 2010.
- CEDRAZ, A. Oficinas terapêuticas no cenário da Reforma Psiquiátrica: modalidades desinstitucionalizantes ou não? *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza (CE), v. 5, n. 2, set., 2005.
- CENTRO DE CONVIVÊNCIA e Cultura Trilhos do Engenho. *Livro de reunião de pauta do Programa Espaço da Diferença*. Rio de Janeiro: Centro de Convivência e Cultura Trilhos do Engenho, 2015.
- DE FARIA, A. F.; SANTANA W. A. *Comunicação e saúde mental: a experiência da Rádio Pirai e os discursos sobre a loucura*. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 12, Peru, 2014.
- FORTUNA, D. B. S. *O papel do rádio no campo da saúde no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira: estudo de caso da Web Rádio Revolução FM*. Dissertação (mestrado em informação e comunicação em saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2013.
- FORTUNA, D. B. S.; OLIVEIRA, V. C. Mapeamento das práticas comunicacionais radiofônicas como terapia psicossocial nos serviços de saúde mental no Brasil. *Reciis, Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, fev. 2013.
- MARCOLINO, E. M. *Comunicação e saúde mental: estudo de caso da TV Pinel no Brasil e do espaço de comunicação no Hospital Psiquiátrico de Havana*. Dissertação (pós-graduação em comunicação social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, 2007.

PEREIRA, M.; PASSOS, R. Desafios contemporâneos na luta antimanicomial: comunidades terapêuticas, gênero e sexualidade. *In: PEREIRA, M.; PASSOS, R. (Org.). Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a Reforma Psiquiátrica brasileira.* Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2017.

RAUTER, C. Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. *In: AMARANTE, P. (Org.). Ensaios: subjetividade, saúde mental, sociedade.* Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2000.

RIBEIRO, R. C. F.; TOMASSI, A. R. P.; PASSOS, I. C. F. Do silêncio à voz: a experiência da construção de uma oficina de rádio em um centro de convivência no município de Belo Horizonte. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, Florianópolis, v. 8, n. 18, 2016.

SÁ, A. (Org.). *Fundamentos científicos da comunicação.* Petrópolis: Vozes, 1973.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnicas e tempo, razão e emoção.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SCHUHARDT, B. C.; SOUZA, A. M. Programa de rádio “Mentes e vertentes”: uma experiência em reabilitação psicossocial. *Revista Maiêutica em Serviço Social*, Indaial (SC), v. 3, n. 1, 2015.

SILVEIRA, N. *Gatos e a emoção de lidar.* Rio de Janeiro: Léo Cristiano Editorial, 1998.

SILVEIRA, N. *Imagens do inconsciente.* Petrópolis: Vozes, 2015.

SIQUEIRA, R. *et al.* Programa Espaço da Diferença. *Arquivos do Centro de Convivência e Cultura Trilhos do Engenho*, Rio de Janeiro, [201-?].

STREPPPEL, F. E.; PALOMBINI, A. L. Devir-loucura no rádio: uma experiência em saúde mental. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 23, n. 3, set.-dez. 2011.

YASSUI, S. *Rupturas e encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica brasileira.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.